

O MITO DE ARIADNA. UM ARQUÉTIPO GRECO-LATINO DA CONDIÇÃO HUMANA¹

CARMEN SOARES
(Universidade de Coimbra)

The myth of Ariadne: an archetype of mankind's condition

The story of Minos' daughter illustrates universal human feelings and behaviour. When she meets Theseus and helps him to escape from the Labyrinth, Ariadne is making her first steps to independence. In fact the Athenian prince's promise is to marry her and bring her back with him to his homeland. In return, Ariadne has only to provide him with a safe passage from the inside of the Cnossos palace.

The young girl wins a lover and expects to have an independent life from that day on. Of course, what she doesn't know is the high price she has to pay. After a small taste of the pleasures of love, she experiences the grief of loneliness. Away from her family, on the island of Naxos, the

¹ Na hora de prestar homenagem ao Prof. Sebastião Tavares de Pinho, mestre insigne de língua e literatura latinas, surgiu-me, como tributo natural de gratidão pelos ensinamentos recebidos na qualidade de sua antiga aluna, evocar aquela que foi para mim a marca mais vincada do seu magistério. Refiro-me à capacidade de estimular nos jovens estudantes a compreensão da dimensão didáctica dos textos. Esta lição procuro aplicá-la não só no meu trabalho regular de docente, mas também em ocasiões que de alguma forma se ligam à docência. A breve reflexão que apresento sobre o mito de Ariadna insere-se, precisamente, numa sessão preparatória da assistência à ópera *Ariadna auf Naxos* de Richard Strauss, iniciativa levada a cabo pelo Secretariado da licenciatura em Estudos Artísticos. Destinado a um público bem definido, alunos de um curso de natureza não filológica, a abordagem que fiz teve por objectivo relevar os traços do mito grego mais explorados no *libretto* de Hugo von Hofmannsthal, bem como a mensagem perene que a história contém. A sessão realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no dia 20 de Maio de 2003, antecedendo a apresentação do espectáculo, no Teatro Nacional de São Carlos, a 21 de Maio (encenação de Toni Servillo; direcção musical de Zoltán Peskó).

princess is deserted by her cherished first love, Theseus, son of Aegeus. It looks like she is waking from a dream. Real life is usually very different from what young and inexperienced people think it is.

But this myth tells a story of hope, a pleasant message to human ears. The god Dionysus saves Ariadne from death, which seems to her, in that moment of despair, the only solution to all her problems. Another marriage and a new life is what her divine husband offers her. As we shall see, the myth of Ariadne shows quite clearly the ups and downs that frame mankind's condition, with its capacity to rise from the ashes.

Keywords: myth, grief, hope, death, love, Dionysus, Theseus, Ariadne.

Já no mundo dos reis, príncipes e princesas da mitologia da Grécia antiga se vislumbram pulsações, estados de alma e comportamentos universais do género humano. Cortar o cordão umbilical, desprendendo-se das amarras que, desde o nascimento, os ligam à família e ao solo pátrio, conquistar novos afectos, construindo ou sonhando uma realidade 'outra', são dois dos passos fundamentais à afirmação da identidade dos indivíduos. Embora o ónus da autonomia varie caso a caso, a verdade é que, suportando maiores ou menores sacrifícios, todos acabam por sentir-lhe o peso.

E este, muitas vezes, toma o sabor agridoce do amor, oculta-se no desfazer de vãs promessas, impele ao desespero, a um 'outro' amor, não da vida, mas da morte. Assim são, como veremos de seguida, os contornos que assumem experiências limite, retratados com a arte da mais ancestral forma da *fabula*, o mito. Versado no feminino, o percurso da princesa de Creta ilustra bem as oscilações da vida humana, baloiçando entre a esperança, a desilusão, o sofrimento e a felicidade.

O desprender das amarras

Filha do poderoso rei Minos e da sua desafortunada mulher, Pasífae, Ariadna tem por meio-irmão um dos monstros híbridos mais célebres de toda a mitologia greco-latina, o Minotauro. Será às custas da imolação daquele ser com cabeça de touro e corpo de homem, fruto da união *contra naturam* da mãe a um magnífico touro branco, que a princesa conquistará as promessas do seu primeiro amor, o mortal Teseu, herdeiro

do rei de Atenas, Egeu. Um amor sincero ou interesseiro une os destinos de dois rebentos de casas reais desavindas². Segundo a versão mais popular da lenda, a princesa de Cnossos apaixona-se pelo príncipe recém-chegado e fornece-lhe o estratagema que lhe permitirá cometer o facto inédito de sair com vida do interior do palácio em que Minos escondia a prova da infidelidade da esposa. Obra do arquitecto Dédalo, único pelo emaranhado de salas e corredores da sua planta, o labirinto garantia ao rei o cumprimento em simultâneo de dois desígnios: a ocultação da sua desonra e o impedimento da fuga das vítimas humanas regularmente oferecidas de repasto à fera.

Confiante na promessa de casamento avançada por Teseu, Ariadna fornece ao objecto do seu amor o único estratagema capaz de permitir a saída da complexa residência do Minotauro. Este consistia em atar a ponta de um novelo de fio ao batente da porta de entrada, o qual se iam desenrolando ao longo de todo o percurso. Escapando com vida às investidas do monstro, para regressar ao exterior bastava seguir o fio. Portadora do engenho salvador, Ariadna encarna, neste momento, um motivo muito caro ao folclore de inúmeros povos: a mulher salvadora e ardilosa.

Contudo este seu gesto, ao mesmo tempo que assinala a caminhada do indivíduo no sentido da conquista da sua independência, acarretou sacrifícios pessoais graves: a perda de um familiar, o afastamento dos progenitores e o exílio da terra pátria.

² A rivalidade traduzia-se na exigência feita por Minos ao homólogo ateniense de que anualmente enviasse um contingente de jovens destinados a saciar a voracidade do Minotauro. A questão da sinceridade de sentimentos, ou a sua ausência, coloca-se para a figura de Teseu, uma vez que as fontes mitológicas diferem quanto às razões que o levaram a abandonar Ariadna. Segundo uma fonte anónima citada por Plutarco, semelhante actuação podia decorrer do facto de o príncipe estar enamorado de outra mulher (*Vida de Teseu* 20. 1). Higino considera residir no temor de uma má recepção por parte do pai e da cidade a causa de semelhante actuação (*Fábulas* 43). Alguma bibliografia elementar: F. Brommer, *Theseus. Die Taten des griechischen Helden in der antiken Kunst und Literatur* (Darmstadt 1982); R. Graves, *Os mitos gregos*, vol. 2 (trad. port., Lisboa 1990); P. Grimal, *Dicionário da mitologia grega e romana* (trad. port., Lisboa, s. d.); W. F. Otto, *Dioniso y culto* (trad. esp., Madrid 1997).

O desfazer de um sonho

A larga distância que separa os jovens fugitivos do porto de destino, em Atenas, impôs, de acordo com a versão mais célebre do mito, uma paragem na ilha Dία, posteriormente conhecida pelo nome Naxos. Foi então que as incongruências e desencontros que podem caracterizar as relações amorosas se revelaram. Se a noite trouxe consigo o aconchego dos amantes, a manhã, por seu turno, revelou a falsidade das juras trocadas. Por iniciativa própria ou determinação divina, Teseu fez-se ao mar, deixando adormecida na praia a bela Ariadna, *misera e deserta* (como se lê no Carme 64, v. 57 de Catulo). Ainda nas palavras do Veronense, o coração da jovem enamorada é assaltado pela loucura incontrolável da paixão (*furores indomitos*, v. 54).

O sonho de que acorda só pode ser o de um amor não correspondido. A ausência de Teseu, as velas do seu barco, afastando-se ao longe, não o deixam desmentir. Recordemos, em citação da autoria de David Mourão Ferreira e Natália Correia, um dos trechos da literatura latina que melhor retratam a solidão e desencanto de Ariadna, os v. 527-536 da *Arte de Amar* de Ovídio:

*Perdida errava a mísera Ariana
pelas praias ignotas no lugar
em que a ilha de Dία é assaltada
pelas ondas do mar.
Tal como do seu sono despertara,
a túnica desfeita, os pés descalços,
a solta cabeleira de açafião
flutuando na espádua,
a crueldade de Teseu gritava
às ondas que a sua voz não escutavam
e uma chuva de lágrimas cobria
a delicada face
daquela que chorar não merecia.
Chorava ao mesmo tempo que gritava
mas uma e outra coisa lhe iam bem
porque as lágrimas não a desfeavam.
E ferindo com a mão o peito delicado,*

*gesto que repetia,
a chorosa Ariana assim dizia:
“O pérfido traiu-me. O que será de mim?”*

O consolo da amante e a resposta às suas incertezas ganham forma na oferta dos dons mais desejados pelo Homem, um ser perecível e sujeito à degradação provocada pela passagem do tempo: a imortalidade e a eterna juventude. Semelhantes benesses, oferecidas pelo pai dos deuses olímpicos³, são as apropriadas ao dote que os novos esposais de Ariadna exigem. A futura esposa de Dioniso, um dos filhos dilectos de Zeus Crónida, adquire, por esta via, as qualidades que a assemelham aos membros da sua nova família.

O prémio da felicidade

Depois de elevada ao estatuto de salvadora de Teseu, Ariadna vira-se, em Naxos, afundar no desespero da perdição, passando a necessitar de ser ela mesma salva. No entanto, o que demonstrou a união com Dioniso foi que o destino muitas vezes reserva a uma mesma pessoa papéis à primeira vista inconciliáveis. Pois, de protagonista de uma desventura amorosa, a princesa de Cnossos via-se agora na pele da heroína divinizada de um romance com final feliz. Hofmannstahl, aliás, no *libretto* que compõe para a ópera de Strauss, *Ariadna auf Naxos*, revela compreender bastante bem a simbologia do matrimónio com Baco. Daí que tenha posto em relevo os aspectos do mito que evidenciam as dificuldades por que passou Dioniso até ser admitido na corte do Olimpo, bem como a sua faceta de jovem deus associado ao deleite.

Filho de uma princesa mortal, Sémele de Tebas, morta antes de terminado o período de gestação do rebento que carregava no ventre, também Baco experimentou as maiores penas até se poder sentar à direita de Zeus, seu pai. Nascido da coxa paterna, onde fora recolhido após a execução da mãe, sofreu a perseguição funesta da esposa enganada, Hera, de cujos suplícios a custo escapou com vida. Esquartejado e cozido pelos Titãs, acaba por ser reconstituído graças à pronta intervenção da avó. Já

³ Cf. Hesíodo, *Teogonia* 949.

na idade adulta, suporta a loucura, estado que o leva a vaguear pelo mundo, tocando pontos como o Egipto, a Síria, a Frígia, a Trácia e a Índia. A expedição por terras do Indo deu origem à introdução no mito de Baco do emblemático cortejo triunfal. Instalado num carro puxado por panteiras, enfeitado com heras e parras, insígnias dos seus atributos de deus da vitalidade agreste e do vinho, Dioniso faz-se acompanhar pelo *thiasos*, um cortejo de fiéis adoradores, as Ménades e os Sátiros.

Figurado como deus-efebo, é nessa epifania de beleza e juventude que Dioniso aparece a Ariadna. Aliando a esses dons naturais o poder inebriante da música de címbalos, flautas e tamboris e a vertigem dos ritmos frenéticos da dança executada pelos membros do cortejo, Baco desperta na jovem rejeitada o descontrolo da razão⁴. Dividida entre a atracção pelo recém-chegado a Naxos e o desejo de fuga à dor, que só a entrega à morte parecia permitir, a filha de Minos acaba por sucumbir ao impulso de um novo amor⁵. Falhado o projecto de felicidade entre os Mortais, abre-se-lhe, assim, a bem-aventurança no regaço de um deus, cujos cultos místéricos, importa sublinhá-lo, associavam à felicidade no Além⁶.

Prestigiada com o título de *esposa de Dioniso*⁷ e com a honra de ver brilhar nos céus, sob a forma de constelação, o diadema que lhe fora oferecido pelo esposo, Ariadna configura, através do seu mito, uma mensagem de esperança, tanto mais válida, quando se opõe ao tradicional pessimismo da religião grega antiga. Recordemos, nas palavras dirigidas

⁴ O fascínio de Ariadna pela dança vem registado numa das referências mais antigas à filha de Minos, nos vv. 590-592 do canto XVIII da *Ilíada*. No episódio conhecido por “Escudo de Aquiles”, lê-se: *Cinzelou ainda uma dança o ínclito Anfigieiu / semelhante à que outrora, na imensa Cnossos, / Dédalos organizou para Ariadna de belas tranças* (em tradução de M. H. Rocha Pereira, in *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Asa Editores, Lisboa, 82003).

⁵ Note-se que na versão de Plutarco, relatada na *Vida de Teseu* (20. 1), Ariadna teria posto fim à própria vida, enforcando-se. Já na *Odisseia* (vv. 321-325), atribui-se a execução da princesa a Ártemis.

⁶ Não é por isso de estranhar que os esponsais de Ariadna e Dioniso figurem entre os motivos da iconografia funerária, de que o *krater* datado do séc. IV a. C., achado em Dervéni, próximo de Tessalónica, constitui um dos mais ricos exemplares.

⁷ Cf. Hesíodo, *Teogonia* 948 e Eurípides, *Hipólito* 339.

por Aquiles ao rei vencido, Príamo, o contraste flagrante entre os destinos reservados à raça humana e aos Imortais:

*Foi isso o que os deuses decretaram para os míseros mortais:
que vivam na aflição; eles, porém são isentos de cuidados.*

(Ilíada, XXIV. 525-526)⁸

Depois de experimentar as agruras da condição humana, Ariadna recebe o prêmio da felicidade reservada aos deuses. Interpretado por Hofmannsthal como “símbolo da solidão humana”, o mito de Ariadna em Naxos permanece, conforme procurámos demonstrar, um arquétipo incontornável da capacidade de recuperação do ser humano. Quando apoiado por um auxílio externo – seja ele de natureza divina ou outra – o ser humano é capaz de transitar da dor para o júbilo, abandonando o trilho da perdição.

⁸ Trad. de M. H. Rocha Pereira (in *op. cit.*).